

JOSÉ SARAMAGO: DO IBERISMO AO TRANSIBERISMO

CARLOS REIS
Universidade de Coimbra

RESUMO: Neste artigo procede-se a um confronto de posições acerca do iberismo, partindo-se de Miguel Torga e dos seus *Poemas Ibéricos* (1965). O ponto de chegada deste trajeto é o romance *A Jangada de Pedra* (1986), de José Saramago. Transita-se, assim, da noção de iberismo para o conceito de transiberismo, no quadro de uma abordagem assumidamente parcelar; tal abordagem tem em conta transformações históricas e políticas que, no final do século xx, vão além do cenário vivido por Torga. Emerge, então, em José Saramago, uma progressiva preocupação com o iberismo, traduzida em diversos textos ensaísticos que se sucedem ao romance *A Jangada de Pedra*, como que explicitando e aprofundando os grandes sentidos que nele são representados. Assim, tal como foi sendo elaborado por Saramago, o projeto transiberista reporta-se a uma realidade geoestratégica a vir, motivada por aquilo a que o romancista chamou a «vocação do Sul» das nações ibéricas.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago; Miguel Torga; iberismo; transiberismo; *A Jangada de Pedra*.

JOSÉ SARAMAGO: DE L'IBERISME AL TRANSIBERISME

RESUM: En aquest article es confronten posicions al voltant de l'iberisme partint de Miguel Torga i dels seus *Poemas Ibéricos* (1965). El punt d'arribada d'aquest trajecte és la novel·la *A Jangada de Pedra* (1986), de José Saramago. Es transita, així, de la noció d'iberisme cap al concepte de transiberisme, en el context d'un enfocament que s'assumeix com a parcial i que té en compte transformacions històriques i polítiques que, al final del segle xx, van més enllà de l'escenari viscut per Torga. Emergeix en José Saramago, per tant, una progressiva preocupació per l'iberisme, traduïda en diversos textos d'assaig que sorgeixen després de la novel·la *A Jangada de Pedra*, els quals expliciten i aprofundeixen els grans sentits que s'hi representen. Així, tal com el va elaborar Saramago, el projecte transiberista es relaciona amb una realitat geoestratégica futura, motivada per allò que l'escriptor va anomenar la «vocació del Sud» de les nacions ibèriques.

PARAULES CLAU: José Saramago; Miguel Torga; iberisme; transiberisme; *A Jangada de Pedra*.

JOSÉ SARAMAGO: FROM IBERISM TO TRANS-IBERISM

ABSTRACT: This paper confronts different positions on iberism, starting with Miguel Torga and his *Iberian Poems* (1965). The point of arrival of this journey is the novel *A Jangada de Pedra* (*The Stone Raft*) (1986), by José Saramago. We thus move from the notion of Iberism to the concept of trans-Iberism, within the framework of an approach that is assumed to be piecemeal; such an approach takes into account historical and political transformations that, at the end of the twentieth century, go beyond the scenario experienced by Torga. José Saramago's progressive concern with Iberism emerges, then, in a number of essayistic

texts that follow the novel *The Stone Raft*, as if explaining and deepening the great meanings represented in it. Thus, as it was elaborated by Saramago, the trans-Iberist project refers to a geostrategic reality to come, motivated by what the novelist called the “southern vocation” of the Iberian nations.

KEYWORDS: José Saramago; Miguel Torga; Iberism; trans-Iberism; *The Stone Raft*.

1. Na presente reflexão, parto de Miguel Torga, para depois chegar a José Saramago. Num movimento que me conduz do iberismo ao transiberismo, fixo a minha aproximação ao grande poeta português numa expressão que ele mesmo propôs num dos seus poemas: a Ibéria como loucura coletiva. Uma expressão que, parecendo redutora, é muito sugestiva, no quadro poético em que aparece. Reconheço, entretanto, o seguinte: que só de forma parcelar me aproximo da vasta e complexa questão do iberismo, servida, desde há muito, por uma vasta bibliografia crítica e doutrinária.

Reportando-me apenas a nomes e a intervenções de âmbito académico (e com perdão pelas omissões), lembro os contributos de Eduardo Lourenço, de César Antonio Molina, de Ángel Marcos de Dios, de Fernando Catroga, de Sérgio Campos Matos, de António Apolinário Lourenço ou, mais recentemente, de Antonio Sáez Delgado e Santiago Pérez Isasi. Nem me parece necessário sublinhar que alguns daqueles contributos (ou todos eles) giram em torno de nomes de referência literária e doutrinária, no que toca à análise do iberismo, como Antero de Quental, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Joan Maragall e, já no século xx, Miguel de Unamuno, Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, Miguel Torga, Natália Correia ou José Saramago.

2. Ponho em contexto aquilo que agora me interessa: Miguel Torga começou, nos anos 30, um percurso literário dos mais individualizados do século xx português, reconhecido como tal pelos estudiosos da sua obra.¹ Os termos em

¹ Dois testemunhos críticos: para Eduardo Lourenço, o autor de *Poemas Ibéricos* emblematiza um «desespero humanista» que não é simplesmente humano; ele «é humanista por ser filho da intenção mil vezes expressa [...] de confinar a realidade humana unicamente no Homem e na sua aventura cósmica» (Lourenço 1974: 123); David Mourão-Ferreira descreve Torga como «português e europeu, regional mas universal, e sobretudo profundamente *ibérico*, dilacerado entre a nebulosidade atlântica e a claridade mediterrânea, homem da *terra firme* e sofrendo, todavia, a incessante sedução do *mar*» (Mourão-Ferreira 1969: 270-271).

que fez o seu caminho, em relação direta com a sua personalidade vincada e com uma atitude ético-literária provinda de uma cosmovisão romântica, contribuíram para que Torga se transformasse numa referência cultural com algo, *malgré lui*, de institucionalizado, em particular depois de 1974. Talvez por isso, a sua fortuna cultural é muito desigual, oscilando entre juízos de irrestrita admiração e omissões quase provocatórias.

Seja como for, Miguel Torga construiu de si mesmo uma imagem de recorte tardo-romântico e de atitude independente, em relação a grupos e a escolas. Daí o reiterado orgulho, afirmado pelo próprio escritor, «de ter, como os [seus] antepassados, a consciência limpa da honradez do ofício», o que legitima um processo de escrita que reivindica «a virtude de ser motivado de dentro» (Torga 1960: 104).

Sublinho o seguinte: o nome de Miguel Torga (nome-pseudónimo, como se sabe e, como tal, escolhido pelo próprio) remete para uma genealogia de raízes ibéricas, onde ecoam personalidades semi-homónimas: Miguel de Cervantes e Miguel de Unamuno, representados lado a lado com Miguel Torga numa caricatura de João Abel Manta, intitulada «Diálogos confidenciais».² Por outro lado, o apelido Torga, enquanto designação de uma planta rústica da família da urze, provém do cenário, da vivência e do imaginário transmuntanos, origens quase míticas que o escritor nunca renegou. Daí provêm feições que, quase sempre por associação à biografia do escritor, a crítica torguiana descreveu em epítetos recorrentes: Torga é telúrico, rebelde, agreste, humanista, trágico e até cósmico.

A condição telúrica é determinante para conformar os termos em que o poeta interpreta e modela liricamente a Ibéria. Justamente: um estudioso do autor dos *Poemas Ibéricos* nota que «a terra assume uma posição de extrema importância na poesia de Miguel Torga, a terra em todas as suas dimensões ou aspetos, desde o que se pode traduzir com o étimo latino *tellus, uris*, o solo, até a noção maior de planeta ou universo, passando pela noção de Ibéria e pátria» (Linhares Filho 1997: 138). A terra torguiana é, então, terra ibérica, o que justifica a ponderação do sentido da pátria, da sua história e dos seus heróis, considerados naquilo que têm de comum, no concerto dos povos e das nações do amplo espaço peninsular.

² Na imagem, Torga está ao centro, com os braços por cima dos ombros de Cervantes, à direita, e de Unamuno, à esquerda.

Centro-me, então, na coletânea de 1965, que aprofunda aquela que, antes dela, se intitulava *Alguns Poemas Ibéricos* (1952). Começo por observar que, na minha leitura, os *Poemas Ibéricos* são um conjunto datado e condicionado, por duas razões. Primeira: a conceção torguiana da poesia, do poeta e da sua relação com o mundo e com os outros tem a marca forte de imagens e de mitos românticos que o modo de ser de Torga manteve praticamente imutáveis, ao longo de décadas. Segunda: os *Poemas Ibéricos* colocam-se, evidentemente, numa linhagem de reflexão iberista, na aceção multiforme que a expressão permite, mas enunciam-se na sombra de uma referência canónica e, de certa forma, contra ela: a *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

Aquela espécie de dependência foi notada, a par de outros estudiosos de Torga, por José Rodrigues de Paiva, num artigo aparecido em 2008: «Salta aos olhos», diz o ensaísta, «a concepção/construção de *Poemas ibéricos* [...] e o que ela possivelmente reflete da poética pessoana de *Mensagem*»; e acrescenta: «Reflexo que em Torga se pode ver em termos amplos na macro-estruturação do seu livro como também em certos resultados alcançados em aspectos pontuais, no passo-a-passo de cada poema, em detalhes das micro-unidades formadoras do todo de cada uma das duas obras» (Paiva 2008: 56).

A isto junto uma conjectura: a emulação (se é que podemos chamar-lhe assim) aqui sugerida não é meramente epigonal. Ela traz consigo um tácito desejo de superação, por parte de Torga, em diálogo divergente e um tanto «ansioso» (Harold Bloom explica...) com o legado de Pessoa. Julgo até ser plausível dizer que, indo além da questão ibérica, a granítica coerência torguiana combinava mal com a plural complexidade ontológica do grande poeta modernista e com a sua «insinceridade». Aceita-se, com base nisto, esta conclusão: «A mensagem de *Poemas Ibéricos* contraria frontalmente a da *Mensagem*, de Pessoa» (Lopes 2009: 28).³

Existe, a meu ver, uma outra diferença importante, que é de juízo e de propósito. Os *Poemas Ibéricos*, a sua aproximação à terra ibérica e a respetiva representação poética não trazem consigo apenas o sofrimento ressentido que era uma constante em Torga, ao que se juntava a sua ambivalente relação com Pessoa; aquela representação reveste-se de uma intensidade emocional e dramática bem

³ Uma dissertação datada de 2017 debruçou-se sobre a *Mensagem*, os *Poemas Ibéricos* e *A Jangada de Pedra*; trata-se de uma leitura centrada em questões identitárias, em que só de forma sumária se procede ao confronto crítico entre as três obras (Berndt 2017).

sintonizada com a idiossincrasia de um escritor que, para o bem e para o mal, se levava enormemente a sério. A ele mesmo e ao seu ofício de poeta. Deste modo, a *Mensagem* pode ser lida em divergência com o conceito torguiano de poesia, no tocante à tematização telúrica, identitária e iberista que aquele conceito impulsiona. Por outras palavras: Miguel Torga quis ir mais longe do que Pessoa e, de certa forma, aprofundar, em clave iberista, a *Mensagem*. Diferentemente dela e dos seus heróis e mitos, genericamente lusitanos e portugueses, a coletânea identitária composta por Torga celebra um coletivo que congrege Portugal e Espanha, na autenticidade do espaço ibérico, em unidade desdobrada. Não por acaso, o macrotexto de *Poemas Ibéricos* abre com um texto intitulado «Ibéria»:

Terra.
 Quanto a palavra der, e nada mais.
 Só assim a resume
 Quem a contempla do mais alto cume,
 Carregada de sol e de pinhais.

Terra-tumor-de-angústia de saber
 Se o mar é fundo e ao fim deixa passar...
 Uma antena da Europa a receber
 A voz do longe que lhe quer falar...

Terra de pão e vinho
 (A fome e a sede só virão depois,
 Quando a espuma salgada for caminho
 Onde um caminha desdobrado em dois).

Terra nua e tamanha
 Que nela coube o Velho-Mundo e o Novo...
 Que nela cabem Portugal e Espanha
 E a loucura com asas do seu Povo (Torga 2000: 691).

Este poema funciona quase como proposição de uma epopeia em que o apelo do mar seduz a solidez da terra original, transmutando-a em aventura, ousadia, sacrifício e loucura.

Depois de «Ibéria», poema-prólogo, os *Poemas Ibéricos* cumprem um trajeto narrativo em várias etapas. A primeira é uma História Trágico-Telúrica que envolve a raça e o seu destino, o pão e o vinho que brotam da terra, mais a plurali-

dade dos povos da Ibéria, transitando por um árduo caminho comum («Seara humana à mesma intensa luz; / Povo vasco, andaluz, / Galego, asturiano; / Catalão, português; / O caminho é saibroso e franciscano / Do berço à sepultura»; Torga 2000: 695); a seguir, uma História Trágico-Marítima que, tal como a outra, envolve aventura e sedução, engano, decepção e sofrimento («Mar! / Enganosa sereia rouca e triste! / Foste tu quem nos veio namorar, / E foste tu depois que nos traíste!»; Torga 2000: 705); vêm depois os heróis — monarcas e navegadores, mas também poetas e artistas —, alguns deles comuns à *Mensagem* (por exemplo, Viriato e D. João II), outros (como o Cid ou Cortés) ampliando a síndrome da loucura a uma escala ibérica; por fim, o Pesadelo, culminância de um *fatum* peninsular que «o Sancho da lança e do arado», retornado à Ibéria, há de resgatar, até ser o transfigurado «D. Quixote verdadeiro» (Torga 2000: 733).⁴

3. O iberismo torguiano e o *ethos* romântico e idealista em que ele se inspira podem ser, em síntese, particularizados em duas facetas que o singularizam. Em primeiro lugar, a condição heroica a que acabo de aludir gera, à maneira das figuras caracterizadas por Thomas Carlyle, em *On Heroes, Hero-Worship, & the Heroic in History* (1841), heróis assinalados por desígnios providenciais; destacando-se da massa dos homens comuns, eles povoam o espaço e o imaginário ibéricos. Em segundo lugar, uma faceta mais evidente, dado o perfil sociopsicológico de Torga: a Ibéria que ele concebe assume uma feição casticista, incluindo-se nela a fervorosa autenticidade que foi já analisada por um dos principais estudiosos do poeta.⁵

Quase três décadas depois da publicação dos *Poemas Ibéricos*, sobrevém um epílogo muito significativo e, de certa forma, regressivo, que praticamente encerra o diálogo de Miguel Torga com Espanha, com o cenário peninsular e

⁴ A pátria ibérica «que assassina os seus poetas como se fez a Federico Garcia Lorca, a “rosa de Granada” do poema de Torga» (Paiva 2008: 60), carece do impulso de regeneração identitária com que termina o livro: «É preciso que Sancho recupere, de arado em punho, rejeitando traiçoeiros sonhos de grandeza e volte a cultivar os seus campos e a travar a tal quotidiana ‘batalha de ser fiel à vida’ – nunca esquecendo que, para Torga, terra e vida se equivalem» (Lopes 2009: 37).

⁵ Palavras de Jesús Herrero: «Quando se analisa o casticismo do poeta trasmontano vislumbramos através do seu amor ardente pela terra um amor não menos fervoroso pela terra que é uma Pátria e por uma Pátria que é sentida pelo poeta como pátria ibérica. O testemunho eloquente desse amor é o livro *Poemas Ibéricos*» (Herrero 1979: 129).

com a mitologia ibérica. Curiosamente, esse epílogo tem uma origem que é comum ao transiberismo protagonizado por José Saramago, próxima etapa desta minha análise.

Explico-me: depois de 1986, ano da integração dos países ibéricos na então Comunidade Económica Europeia, a temática do iberismo, mais as suas perceções e imagens, mudaram consideravelmente — e nem de outra forma poderia ter acontecido, naquele novo contexto geopolítico. Só para me limitar a dois aspetos relevantes dessa mudança: emerge, pelo menos em Portugal, uma consciência de pertença europeia que, amenizando complexos de marginalidade muito antigos, está harmonizada com mutações históricas decisivas, como a normalização da vida democrática e o desaparecimento do império colonial. Por outro lado, o aprofundamento do chamado projeto europeu favorece a eliminação de fronteiras entre os países europeus que haviam aderido à chamada Convenção de Schengen. E também, evidentemente, entre os dois vizinhos, que assinaram aquela convenção em 1991.⁶

Estas não foram mudanças pacíficas nem inconsequentes, tanto para Torga como para Saramago, mas, evidentemente, por razões diferentes. Cito, por agora, o primeiro, num seu testemunho de ceticismo e de desconforto, confirmando o caráter idealista do iberismo torguiano, eventualmente em choque com uma realidade que quase o ofende. Palavras de Miguel Torga, numa página do seu diário, em 1993:

Hoje foi a minha vez de atravessar a fronteira sem cancelas de nenhuma ordem. Nem fiscais alfandegários, nem polícia a carimbar o passaporte. Apenas um painel de doze estrelas a mandar seguir. Mas nem por isso andei por Espanha dentro de coração solto. Confrontado com a realidade do poder crescente que por toda a parte nela verifiquei, a minha velha suspicácia de ibérico livre veio à tona agravada. A arrogância e o desprezo, que lia na cara de cada interlocutor, causava-me ainda mais engulhos do que no passado. A tese de Franco na escola militar foi a ocupação desta faixa ocidental em poucas horas. E a da generalidade dos demais espanhóis, mesmo civis, é indisfarçadamente a mesma (Torga 1993: 174).

⁶ O fim do século passado foi um tempo de abundantes reflexões sobre a identidade portuguesa, o seu destino pós-colonial e a sua relação com a Europa e com a Espanha. De todos os contributos que aquelas reflexões suscitaram, menciono o de Eduardo Lourenço, acerca do antiespanholismo português: «Nos termos em que se tem expressado, o antiespanholismo é a doença infantil do nosso nacionalismo que está já longe de ser o radical amor sem complexos de nós mesmos» (Lourenço 1988: 82).

Pode dizer-se que este é o epílogo do trajeto iberista de Miguel Torga e da sua «suspiciácia de ibérico». Os termos amargurados em que o diarista se expressa, nos seus últimos e sombrios anos de vida, não deixam lugar a dúvidas: permanece viva, mesmo em quem poeticamente elaborara um pensamento iberista (que não excluía um sentimento de liberdade), uma insegura desconfiança que não se liberta de fantasmas próximos no tempo e das ameaças que eles corporizavam.

4. A penumbra em que, a meu ver, a poesia de Miguel Torga mergulhou e o seu caráter datado prejudicam a mensagem iberista que ele enunciou e convidam a uma sua superação. Para além disso, são hoje muito diversas as circunstâncias que rodeiam a existência cultural, política e social dos países ibéricos, com desvanecimento daquelas imagens de ameaça que, no final dos anos 80 e nos anos 90 do século passado, ressurgiam no espírito atormentado de Torga. Antes dessas novas circunstâncias, o tempo literário torguiano coincidiu, em parte, com décadas de desconfiança mútua, alimentada pelas duas ditaduras peninsulares.

O tempo em que José Saramago chega ao debate iberista é, então, já outro e muito diferente. Inclui-se nessa diferença um conhecimento mais profundo e consequente da diversidade das nações e das culturas peninsulares, já representada, note-se, num dos *Poemas Ibéricos* («A Vida», já aqui citado). Em todo o caso, Saramago vai além do plano mítico-simbólico que domina a coletânea torguiana, bem como da caracterização psico-antropológica daquela diversidade, tal como se manifesta em Oliveira Martins, de forma mais intuitiva do que objetivamente científica.⁷

Isto não impede que se fale de uma receção produtiva de Miguel Torga por parte de Saramago, o que justifica que se diga: «A Ibéria proposta por Saramago nasce do ideário torguiano» (Grossegasse 2009: 111). É verdade que são muito reduzidas as referências saramaguianas ao autor dos *Poemas Ibéricos*, talvez só mesmo numa página dos *Cadernos de Lanzarote*, quando da morte do poeta transmontano, a 17 de janeiro de 1995; nela escreveu Saramago que

⁷ Vale a pena recordar as imagens estereotipadas de diversidade idiossincrática que falam do «castelhano grave e indolente», do «andaluz fanfarrão e volúvel», do «catalão industrial», do «valenciano cabisbaixo e sedentário», do «galego paciente e laborioso», do «aragonês nobre e altivo nos seus farrapos», etc. E, ao lado destas diferenças, observa as dos portugueses entre si, estabelecendo semelhanças com os povos de Espanha: os do Minho laboriosos e quase galegos, os do sul «bizarros como castelhanos», os do «extremo Algarve verdadeiros andaluzes» (Martins 1885: xx e XXI).

nunca conhecera Torga, «nunca o procurei, nunca lhe escrevi. Limitei-me a lê-lo, a admirá-lo muitas vezes, outras não tanto. Foi só de leitor a minha relação com ele.» E mais adiante:

Achava que havia em Torga algo que eu gostaria de ter, e não tinha: o direito ganho por uma obra com uma dimensão em todos os sentidos fora do comum, a música profunda de uma sabedoria que nascera da vida e que à vida voltava, para se tornarem, ambas, mais ricas e generosas (Saramago 2011: 22).

Parece aceitável explicar o (quase) «silêncio de Saramago acerca de Torga como indício de uma autoafirmação que prescindia da mão de um autor português contemporâneo, bem conhecido na vida literária portuguesa pelo seu Iberismo» (Grossegese 2009: 115). Saramago desejaria «beber diretamente nas fontes da cultura e literatura hispânicas e chegar a um conceito ibérico original» (Grossegese 2009: 115).

O «conceito ibérico original» emerge em José Saramago, de forma expressiva, sobretudo no momento em que na sua obra aparece a tematização ficcional da Península Ibérica. E assim, com aquele sentido de oportunidade que o romancista conjugava com as intuições que muitas vezes comandaram as suas opções literárias, surge *A Jangada de Pedra*, em 1986.

A referência, neste contexto, ao primeiro dos dois romances de Saramago em que a viagem é motivo estruturante (o segundo é *A Viagem do Elefante*) obriga a lembrar duas coisas. Primeira: pouco depois de *A Jangada de Pedra*, Saramago publicou, num jornal de Madrid (o *Diario 16*, de 6 de outubro de 1988), o texto «Acerca do (meu) iberismo», depois inserto como prefácio do livro de César Antonio Molina, *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa* (Saramago 1990: 5-9). Naquele texto estão em causa algumas das preocupações saramaguianas acerca da Europa e das práticas políticas que as suas democracias desenvolvem;⁸ de certa forma, são essas preocupações o motor da viagem ficcional consubstanciada neste romance. Segunda observação: conforme muitas vezes foi dito, a entrada de Portugal e da Espanha na então Comunidade Económica Europeia potenciou o posicionamento crítico de Sara-

⁸ Reencontramos essas preocupações em intervenções dos anos seguintes, designadamente em «Descubramo-nos uns aos outros», de 1998 (Saramago 2018a: 254-267, que aqui citarei) e, de forma mais sucinta, em «Claro como água» e em «Voltando à vaca-fria», ambos de 2008 (Saramago 2018b: 44-46 e 58-59).

magu para com aquilo que, na época e em Portugal, foi em geral vivido de forma quase eufórica — mas não por Saramago.

Confirmando a propensão saramaguiana para o culto do insólito, também noutros romances (por exemplo, no *Ensaio sobre a Cegueira* ou n'As *Intermitências da Morte*), *A Jangada de Pedra* relata o que se sabe: de forma absolutamente inesperada, ocorre um incidente geológico que separa a Península Ibérica da Europa. A enorme fenda produzida na região dos Pirenéus legitima a asserção «a Península Ibérica tem a forma de uma jangada», inscrita na contracapa do livro, e sintoniza com a afirmação de Estrabão citada no mesmo local: «A Ibéria tem a forma duma pele de boi».

Começa então uma viagem aparentemente sem rota definida, cujos grandes significados assumem a feição da alegoria, um dispositivo de representação que ressurge em obras subsequentes de José Saramago (por exemplo, em *Todos os Nomes* e em *O Homem Duplicado*). Neste caso, a viagem é protagonizada por cinco personagens-viajantes que, provindas de vários lugares da Ibéria, se juntam na aventura comum da navegação. São elas Joana Carda, de Ereira, perto de Coimbra, Joaquim Sassa, de uma praia do norte de Portugal, Pedro Orce, habitante de uma aldeia homónima do seu apelido, na província de Granada, José Anaíço, que vive perto do rio Tejo, e Maria Guavaira, uma viúva natural da Galiza. Mas não só. A estas personagens junta-se um cão, animal muito da preferência do autor, com o nome de Constante, e os dois cavalos (Pig e Al) que puxam a carroça que serve o grupo.

Com a jangada à deriva pelo oceano, sobrevém uma interrogação inevitável que vem dar uma nova orientação à causa iberista: onde terminará a viagem? A imagem da deriva que usei não é fortuita; ela sugere uma deambulação ou, talvez melhor, uma deslocação sem porto de chegada previsto, como que em busca de um destino ainda por definir.⁹ Com uma única certeza: a Europa fica cada vez mais longe.

Introduz-se aqui um outro sentido, bem consentâneo com o movimento da viagem: o sentido do afastamento, mais aquilo que ele implica. Cito *A Jangada de Pedra*:

⁹ A deambulação é um elemento estruturante da ação d'*O Ano da Morte de Ricardo Reis* e do comportamento do seu protagonista, por vezes perdido no labirinto que a cidade de Lisboa configura. Tratei deste assunto na conferência (em vias de publicação) «José Saramago: o inventor de viagens», apresentada no Colóquio «José Saramago 100 anos: o inventor de bússolas» (Porto Alegre, PUCRS, 22 a 24 de junho de 2022).

Este foi o dia assinalado em que a já distante Europa, segundo as últimas medições conhecidas ia em cerca de duzentos quilómetros o afastamento, se viu sacudida, dos alicerces ao telhado, por uma convulsão de natureza psicológica e social que dramaticamente pôs em mortal perigo a sua identidade, negada, nesse decisivo momento, em seus fundamentos particulares e intrínsecos, as nacionalidades, tão laboriosamente formadas ao longo de séculos e séculos (Saramago 1986: 160).

Há, então, uma identidade em perigo, tendo nos seus alicerces as nacionalidades e o seu longo trajeto histórico. Mais adiante, fala-se «da séria crise de identidade com que se debateram [os países da Europa] quando milhões de europeus resolveram declarar-se ibéricos» (Saramago 1986: 213). Assim mesmo: «declarar-se ibéricos», como se antes da insólita separação estivesse cancelada a solidariedade dos europeus para com uma condição ibérica agora descoberta como motivo e bússola para a viagem.

Neste que é um dos romances de José Saramago com mais evidente propósito político, fica clara uma ideia: a denúncia de uma distância aparentemente inultrapassável entre a Península Ibérica, como espaço periférico e até marginal, e o poder da Europa central e centralizadora. E também uma segunda ideia, que em José Saramago transcende o mundo narrativo d'*A Jangada de Pedra*: o conhecimento de Espanha por quem repensa o iberismo exige o respeito pelas nacionalidades ibéricas e pelas suas diversidades, interditando uma visão homogeneizadora do país vizinho; para mais, esse vizinho foi olhado, do lado português e ao longo de séculos, como inimigo. Em vez disso (terceira ideia) parece conveniente que Portugal e Espanha cultivem um processo de descoberta mútua (a sua e a de outros) e repensem a sua posição geoestratégica, relativamente à América Latina e também à África.

A crítica ao chamamento europeísta passa por aí e abre uma via própria de reflexão acerca do iberismo. Fica claro que uma parte importante daquela descoberta recíproca implica a desmistificação de imposições culturais provindas de um «comportamento aberrante que consiste numa Europa eurocêntrica em relação a si própria» (Saramago 2018a: 258). É isto que Saramago afirma, numa conferência de 1998, com o título «Descubramo-nos uns aos outros». De certa forma, a ofensa eurocêntrica, reforçada pelo contexto político dos anos 80, explica *A Jangada de Pedra*, romance que, no conjunto da produção saramaguiana, não é dos mais valorizados pela crítica. Uma das lacunas (ou talvez, a lacuna...) que nele se aponta é a indefinição de um porto de chegada, como se a navegação da jangada não tivesse um rumo determinado.

Alguns anos depois, na posteridade do seu romance, José Saramago propôs, naquela conferência, um destino para a viagem, mesmo sendo ela alegórica. Assim, o movimento da navegação para sul implica «uma nova descoberta, um encontro com os povos ibero-americanos e ibero-africanos digno desse nome» (Saramago 2018a: 267). Deste modo, no contexto de um novo iberismo como reação à realidade política e social europeia do fim do século xx, poderemos «descobrir em nós, ibéricos, capacidades e energias com sinal contrário aos que fizeram do nosso passado de colonizadores um terrível fardo na consciência» (Saramago 2018a: 267).

O alívio daquele fardo implica uma afirmação conjunta — e ibérica —, de natureza identitária e cultural, que é estimulada como reação à integração económica europeia. Palavras de Saramago, numa entrevista de 1986, pouco depois da publicação d'*A Jangada de Pedra*:

No fundo, o que pretendo dizer em *A Jangada de Pedra* é que a Península Ibérica tem uma identidade cultural muito profunda, muito caracterizada, que corre graves riscos no processo de integração na CEE. Esta situação é tanto mais perigosa por a Europa não saber exatamente quem é [...]. A minha atitude não é isolacionista. Nos nossos dias não se pode falar de isolamento. Também não sou antieuropeu. Só quero sublinhar que nós, os povos da Península Ibérica deveríamos comportar-nos de acordo com as nossas ligações. É evidente que temos umas primeiras raízes europeias, mas não nos podemos esquecer das nossas segundas raízes históricas, que nos vinculam à área linguística e cultural hispano-portuguesa da América Latina (Gómez Aguilera 2010: 442).

A partir daqui, Saramago esboça um transiberismo que se associa a uma longamente reprimida «vocação do Sul». A viagem da jangada ibérica aparenta não ter um norte, porque, verdadeiramente, é o Sul e o seu chamamento que a orientam (com licença pelo jogo de palavras). O transiberismo de José Saramago é, então, um projeto para o futuro, mas não, ao contrário do que já foi dito, uma utopia (Baltrusch 2014: 56-59), até porque o ideário saramaguiano não se compagina com qualquer pulsão utopista.¹⁰ Outra coisa e bem diferen-

¹⁰ Palavras de Saramago, num debate em 2005, por ocasião do Forum Social Mundial de Porto Alegre: «Tenho uma má notícia, depois de ter escutado os nossos amigos aqui: não sou utopista». E logo depois: «Para 5 bilhões de pessoas que vivem na pobreza, a palavra utopia não significa absolutamente nada» (citado por Gerchmann e Flor 2005).

te é dizer que o transiberismo do autor d'A *Jangada de Pedra* «alberga [...] um humanismo moderno, ou, até, pós-moderno, dado que as vozes narrativas dos romances sempre oferecem um perspctivismo crítico em relação à história e às teorias e ideologias sistémicas»; e assim, segundo aquele romance, a integração europeia «não representaria o fim da história do imaginário nacional, nem um *posthistoire* cultural ibérico» (Baltrusch 2014: 63).

Ilustrado por uma viagem alegórica, o projeto transiberista almeja uma realidade geoestratégica a vir, inspirada na tal «vocaçào do Sul» muitas vezes reprimida, «em consequência de um remordimento histórico [...] que só ações positivas poderão tornar suportável algum dia», diz Saramago. E conclui: «O tempo dos descobrimentos acabou. Continuemos, pois, descobrindo-nos uns aos outros, continuemos descobrindo-nos a nós próprios» (Saramago 2018a: 267). Como quem diz: a viagem não terminou, tal como fica claro em palavras de José Saramago, numa entrevista de 1994, e que para mim são conclusivas:

O transiberismo seria um conceito superador do iberismo tradicional, que englobaria os países de tradição ibérica na América e em África. E, caso conseguisse a sua instauração entre os pensadores e políticos, chegaria a ser a grande criação de uma época; mas para isso teríamos de ter uma visão histórica especial e decisiva (Gómez Aguilera 2010: 416).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALTRUSCH, Burghard (2014). «A nova Mensagem do trans-iberismo – sobre alguns aspectos utópicos e metanarrativos do discurso saramaguiano». Burghard Baltrusch (ed.). «O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia». *Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago*. Berlin: Frank & Timme, 53-72.
- BERNDT, Charles Vítor (2017). *Portugal como Destino. Pessoa, Torga e Saramago*. [Florianópolis]: Universidade Federal de Santa Catarina.
- GERCHMANN, Léo; FLOR, Ana (2005). «Escritor português critica utopia e pede revisão conceitual da esquerda». *Folha de São Paulo*, 30 de janeiro [em linha] [28 fevereiro 2023] <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc3001200515.htm>>
- GÓMEZ AGUILERA, Fernando (ed.) (2010). *José Saramago nas suas palavras*. Lisboa: Caminho.
- GROSSEGESSE, Orlando (2009). «Torga em Saramago. Dos *Poemas Ibéricos à Jangada de Pedra*». *Veredas*, 11, 109-130.
- HERRERO, Jesús (1979). *Miguel Torga poeta ibérico*. Lisboa: Arcádia.

- LINHARES Filho (1997). *O Poético como Humanização em Miguel Torga*. Fortaleza: Casa de José Alencar/UFC.
- LOPES, Teresa Rita (2009). «A Ibéria de Torga e “Nós, Portugal, o poder ser” de Pessoa». Carlos Mendes de Sousa (org.). *Dar Mundo ao Coração: Estudos sobre Miguel Torga*. Alfragide: Texto Editores Lda., 27-37.
- LOURENÇO, Eduardo (1974). *Tempo e Poesia*. Porto: Inova.
- LOURENÇO, Eduardo (1988). *Nós e a Europa ou as duas razões*. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MARTINS, J. P. Oliveira (1885). *História da Civilização Ibérica*. 3ª ed. Lisboa: Bertrand.
- MOURÃO-FERREIRA, David (1969). *Tópicos de Crítica e História Literária*. Lisboa: União Gráfica.
- PAIVA, José Rodrigues de (2008). «Entre Pessoa e Régio, Miguel Torga». *Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística*, 1 (1), 55-70.
- SARAMAGO, José (1986). *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (1990). «Mi iberismo». César António Molina. *Sobre el iberismo y otros escritos de literatura portuguesa*. Madrid: Ediciones Akal, 5-9.
- SARAMAGO, José (2011). *Cadernos de Lanzarote: Diário III*. 4ª ed. Lisboa: Caminho.
- SARAMAGO, José (2018a). *Último Caderno de Lanzarote*. Porto: Porto Editora.
- SARAMAGO, José (2018b). *O Caderno*. Porto: Porto Editora.
- TORGA, Miguel (1960). *Diário IV*. 2ª ed. Coimbra: Edição do Autor.
- TORGA, Miguel (1993). *Diário XVI*. Coimbra: Edição do Autor.
- TORGA, Miguel (2000). *Poemas Ibéricos. Poesia Completa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.



Copyright © Carlos Reis, 2023. This document is under a Creative Commons Attribution-Non commercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.